

A EXPRESSIVIDADE LINGÜÍSTICA EM FOGO MORTO

Maria do Socorro Silva de Aragão

"A obra de José Lins do Rego, é ele mesmo. É profundamente triste. É uma epopéia da tristeza, da tristeza da sua terra e da sua gente, da tristeza do Brasil".

Otto Maria Carpeaux

in Fogo Morto

INTRODUÇÃO

O Estado da Paraíba, um dos menores da Federação, é conhecido não só por sua capacidade de luta e resistência, mas, principalmente, por seus filhos ilustres, que se destacaram e ainda se destacam nacionalmente na política, nas artes ou na literatura.

Nomes como João Pessoa, Epitácio Pessoa, José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Pedro Américo e Augusto dos Anjos ilustram a afirmação acima.

Porém, a própria Paraíba muitas vezes não se dá conta, não reconhece e conseqüentemente não reverencia seus filhos ilustres, com as exceções de praxe.

José Lins do Rego, um dos mais importantes escritores paraibanos e nacionais, com uma obra multifacetada que abrange do romance às memórias, passando pelos relatos de viagens, crônicas e literatura infantil, é aqui lembrado, numa homenagem, embora tardia, pela passagem dos seus cem anos de nascimento.

1 A LINGUAGEM DE JOSÉ LINS

José Lins do Rego como escritor da chamada geração de 30, cujas narrativas enfatizavam mais a natureza em detrimento do homem, conseguiu ultrapassar esse estereótipo mudando o eixo de gravidade da natureza para o homem, em sua ficção.

Segundo alguns estudiosos, foi em *Fogo Morto* que José Lins do Rego sintetizou sua ficção que, segundo Abdala Júnior, *é muito mais inovadora em termos de arte, que as demais do chamado ciclo da cana-de-açúcar*¹, publicadas anteriormente: *Menino de*

¹ ABDALA JÚNIOR, R. O ritmo do tempo em torno do engenho. In : REGO, J. Lins do. *Fogo morto*. São Paulo : Círculo do Livro, 1984.

Engenho, Doidinho, Bangüê, O Moleque Ricardo e Usina. José Lins em suas obras de ficção usou a palavra de forma precisa e artística, nos seus níveis e registros e nas suas variações regionais, a partir do perfeito domínio da norma culta padrão, a fim de descrever a decadência dos engenhos de açúcar do Nordeste, com a conseqüente deteriorização da estrutura econômico-social daqueles que neles viviam.

Estudar e analisar lingüisticamente a obra de José Lins do Rego é um exercício fascinante, que oferece surpresas a cada nova abordagem que dela se faça.

A obra de José Lins é riquíssima para análises do ponto de vista da Sociolingüística, ciência que estuda as relações entre a língua e a sociedade, suas inter-relações e o papel que cada uma exerce sobre a outra, determinando os níveis ou registros de fala, que vão desde o nível mais informal da modalidade falada ao mais formal da modalidade escrita, que é o literário, correlacionando-os com o nível sócio-cultural de seus usuários. São as variações sócio-culturais, também chamadas diastráticas, que determinam as diferenças entre a linguagem erudita e a popular, entre outras.

Já para as análises sob a visão da Dialectologia, que estuda os diversos tipos de variação que a língua apresenta, correlacionando-a não com o nível sócio-cultural do falante, mas com a região a que ele pertence, temos exemplos significativos em José Lins do Rego. As variantes regionais ou diatópicas, caracterizam os aspectos regionais da sua linguagem.

A integração das duas ciências, a Sociolingüística e a Dialectologia é que nos permite analisar a linguagem do autor vendo-lhe os aspectos erudito, popular e regional.

Assim, José Lins do Rego, autor da linha regionalista da literatura brasileira é fonte da maior significação para o estudo das variações lingüísticas, diatópicas e diastráticas, ou seja: variações regionais e sócio-culturais. Outro tipo de variação que também pode ser estudada em José Lins é a diafásica ou estilística.

A temática, a estrutura literária e a linguagem de suas obras caracterizam, com rara precisão, o nosso povo, seu falar, costumes, crenças e tradições, e seu modo de ser, viver, pensar e agir, dentro do seu universo sócio-lingüístico-cultural.

Ao contrário de José Américo que, de acordo com a temática, o personagem e o tipo de texto usa ora a linguagem erudita, ora a popular, José Lins, mesmo com personagens do povo usa uma estrutura lingüística típica do padrão culto da linguagem.

Sua linguagem popular se manifesta, basicamente, no léxico, com um vocabulário de palavras e expressões regionais/populares.

2 A ESTRUTURA DO ROMANCE *FOGO MORTO*

Fogo Morto é um romance de estruturação tridimensional que desenvolve como tema central a decadência econômica, social e individual dos engenhos de cana-de-açúcar no Nordeste e de seus habitantes.

A obra possui três personagens principais: o mestre José Amaro, artesão, seleiro, pobre, doente, porém orgulhoso e revoltado com a própria situação, de adversidades, perseguições e humilhações, levando-o ao final a se ligar ao cangaceiro Antônio Silvino. Ao falar do mestre José Amaro diz Mário de Andrade:

*... na análise magistral do mestre José Amaro, Lins do Rego nos dá um personagem popular e analfabeto, sem o primarismo falso, este sim, primarismo analfabeto, com que os nossos romancistas 'sociais' concebem e expõem o homem do povo como um ser de psicologia fácil, precária e lógica. Precários são eles!*²

O segundo personagem é o Coronel Lula de Holanda, símbolo do senhor rural decadente, arruinado, dono de engenho de "fogo morto" e que com a família vive, ilusoriamente, do fausto de outrora.

*Casado com a herdeira de um engenho (o Santa Fé), o coronel Lula é o próprio retrato da decadência. Sem futuro, seja em termos familiares ou econômicos, o coronel apega-se rigidamente ao passado e mantém, apesar de tudo, seu ar aristocrático em meio à desagregação total de seu mundo...*³

O terceiro personagem central da obra é o Capitão Vitorino Carneiro da Cunha, apelidado "Papa- Rabo", idealista, sonhador e solidário com os fracos e oprimidos, sendo, segundo alguns autores, a maior criação literária de José Lins do Rego.

² ANDRADE, Mário. Fogo morto. In : REGO, J.L. do. *Fogo morto*. Rio de Janeiro : José Olympio, 1980, p. 263.

³ REGO, José Lins do. *Fogo morto*. Guias de Leitura. Porto Alegre : Mercado Aberto, s/d, p. 25/26.

O Prof. Antônio Cândido diz que em Vitorino :

*...a força do ideal se sobrepõe a realidade da decadência e do ridículo. Redimido pela paranóia heróica, o velho Vitorino se eleva no conceito do público. Os pequenos começam a respeitá-lo. O cego Torquato acha que ele é mandado por Deus. É o único que enfrenta os mandões, castiga os prepotentes, defende os oprimidos. A sua candura e sua coragem fazem dele um campeão. O único homem da várzea com sentimento e consciência das necessidades sociais e dos problemas políticos, porque não se aproximou deles com a bruteza dos chefes nem com a malícia habilidosa dos políticos, mas com a direta ingenuidade dos puros*⁴

Comentado os personagens de Fogo Morto, diz-nos ainda Mário de Andrade:

*....Fogo Morto chega a ter exatamente a forma e o espírito da sonata [...] tratado em três temas, três melodias, três partes. E estas três partes correspondem ainda ao movimento rítmico da sonata: um allegro inicial que é a zanga destabocada de mestre José Amaro, um andante central que é o mais repousado Lula de Holanda na sua pasmaceira cheia de interioridade não dita, e finalmente o presto brilhante e genial do Capitão Vitorino Carneiro da Cunha.*⁵

Como bem recorda Eduardo Coutinho, a propósito de *Fogo Morto*:

A problemática básica do romance - a decadência de toda uma estrutura sócio-econômica baseada no engenho de açúcar - se expressa através da atuação concreta (quer sob a forma de fala quer de ação mesmo), dos personagens que integram o universo diegético, aqui centrado em torno de dois grandes núcleos: O engenho de S. Lula e a casa do Mestre José Amaro e continua: Fogo Morto... é a radiografia

⁴ CÂNDIDO, Antonio. *Brigada ligeira*. São Paulo: Martins, 1945.

⁵ ANDRADE, Mário. Fogo morto. In : REGO, J.L. do. *Fogo morto*. Rio de Janeiro : José Olympio, 1980, p. 262/263.

*da realidade nordestina em um momento de crise: o da dramática transição entre os engenhos decrépitos e a usina nascente*⁶.

3 A LINGUAGEM DE FOGO MORTO

José Lins utiliza como recurso estilístico em Fogo Morto, uma série de estratégias lingüísticas que dão ao seu texto um sabor especial de nordestinidade, de campo, de interior, de pessoas simples que aplicam à vida todos os conhecimentos adquiridos por herança cultural do povo nordestino. O autor utiliza-se de um léxico regional/popular nordestino, usa arcaísmos, faz comparações, concretiza abstratos, generaliza termos específicos, usa aumentativos com efeitos expressivos, reduplica a negação, usa cantigas populares, provérbios e frases feitas, além de usar, com maestria, a linguagem formal erudita em personagens populares. Tudo isto marca a expressividade da linguagem de José Lins em Fogo Morto. Vejamos alguns exemplos :

3.1 Aspectos Léxicos

3.1.1. Falar Regional-Popular

É no léxico onde o caráter regional-popular da obra de José Lins do Rego aparece mais fortemente e "Fogo Morto" não é uma exceção a esta regra. Os termos e expressões regionais/populares marcam, de forma inequívoca, o escritor nordestino que usa a linguagem de seu povo e de sua terra de forma magistral também nesta obra. Vejamos alguns exemplos ilustrativos

a) **Vasqueiro** - raro, escasso, difícil.

*Muito trabalho, mestre Zé? Está **vasqueiro**.* (p. 15)

b) **Camumbembe** - Indivíduo pobre, vadio, vagabundo, mendigo.

*Estava trabalhando para **camumbembes**. Era o que mais lhe doía* (p.20)

c) **Tangerino** - Aquele que tange os animais, na viagem. Almocreve.

*Um **tangerino** passou por aqui e me encomendou esta sela e uns arreios.*(p. 15)

⁶ COUTINHO, Eduardo. A relação arte/realidade em Fogo Morto. In : *Ensaio sobre José Lins do Rego*. João Pessoa : FUNESC, 1987.

d) **Fazer-se na faca** - Empunhar, agredir com arma, brigar com faca.

*Alípio se fez **na faca**, espalhou a feira.*(p. 19)

e) **Meter-se a besta** - Tornar-se atrevido, fazer-se de importante, provocar, insultar.

*O cabo ficou para um canto de bofe de fora, e um soldado, que se **metera a besta** não ficou para contar a história.* (p. 19)

f) **Ser duro de roer** - Redução da expressão "osso duro de roer": Situação ou coisa de difícil solução; pessoa de difícil trato:

*Está aí, o seu Álvaro do Amora custa a pagar. **É duro de roer**, mas gosto daquele homem.* (p.5)

g) **Botar canga** - Dominar, submeter, escravizar.

*É verdade que senhor de engenho nunca me **botou canga**. Vivo nesta casa como se fosse dono.* (p. 7)

3.1.2 Arcaísmos

Outro aspecto importante do léxico de Fogo Morto é o uso de palavras e expressões arcaicas que, de modo geral, demonstram o isolamento em que vivem os personagens em seu ambiente tanto de vida como de trabalho, no interior do nordeste.

a) **Calibre** - tamanho ou grandeza consideráveis; valor reconhecido; merecimento.

*Não se casa porque não quer. **É de calibre**, como a mãe.* (p. 7)

b) **Latomia** - Cântico monótono de ladainha; litania.

*Não quero ouvir **latomia** de igreja na minha casa.* (p. 8)

c) **Peitica** - Pessoa que perturba, que incomoda

*Vai ser esse choro, esta **peitica** até anoitecer.* (p. 8)

d) **Camumbembe** - Indivíduo de baixa condição social

*Estava trabalhando para **camumbembes**.* (p. 10)

e) **Cabriolé** - Carruagem pequena, lele e rápida, de duas rodas, capota móvel, e movida por apenas um cavalo.

*Era o **cabriolé** do Coronel Lula enchendo de grandeza a pobre estrada....(p. 12)*

3.2 Aspectos Morfossintáticos

As estruturas morfossintáticas utilizadas por José Lins têm, basicamente, a marca da linguagem erudita, porém pode-se nelas encontrar alguns aspectos típicos da linguagem regional popular.

3.2.1 Concretização de Abstratos

- a) *Bem, mestre Zé, muito obrigado, mas o **sol está caindo**. (p. 9)*
- b) *...mais uma vez o **silêncio da terra** se perturbava com o seu **martelo enraivecido**. (p. 10)*
- c) *Havia uma **mágoa profunda** nele. (p. 18)*
- d) *Pela estrada **gemia um carro de boi**, carregado de lã. (p. 20)*
- e) *A tarde **macia**, com céu azul, e o sol morno cobrindo a verdura da várzea. (p. 238)*

3.2.2 Generalização de termos específicos

- a) *É, mestre José Amaro sabe trabalhar, não rouba a ninguém, não faz **coisa** de carregação. (p. 16)*
- b) *Tenho visto passar muito **troço**. (p. 26)*
- c) *Por que seu Augusto não manda consertar esta **bicha** na cidade? (p. 16)*
- d) *Ele já botara para dentro da sala os seus **petrechos** de trabalho. (p.13)*
- e) *Então, mestre Zé, está enchendo a barriga desde **gringo** ? (p. 45)*

3.2.3 Uso de aumentativos expressivos de intensidade.

- a) *E deu pela sela um **preção**. (p. 16)*

- b) *Ouvi outro dia na feira do Pilar, um **figurão** de Itabaiana gabando o seu trabalho.* (p. 16)
- c) *Estão dizendo, comadre, que aquele **amarelão** dele é que faz o mestre correr de noite como bicho danado.* (p. 41)
- d) *Os **bichões** da Ribeira dão banquete a ele como governador...*(p. 45)
- e) ***Moção** meu compadre. **Moção** para casar.* (p.49)

3.2.4 Repetição da negativa

- a) *Mestre Zé, **não** tenho culpa de nada **não** ...* (p. 24)
- b) ***Não** quero falar **não**, mas digo aqui ao senhor...* (p. 25)
- c) ***Não** é **não**, mestre Zé.* (p. 24)
- d) ***Não** quero falar **não**, mas digo aqui ao senhor...* (p. 15)
- e) *A velha **não** vai indo bem, **não**.* (p. 21)

3.2.5 Uso de comparações

- a) *... cabra muito do sem-vergonha, atrás dos grandes, **como cachorro sem dono**.* (p. 24)
- b) *... que aquele amarelão dele é que faz o mestre correr de noite **como bicho danado**.* (p. 41)
- c) *...tropeçou nas raízes da pitombeira e foi ao chão **como um jenipapo maduro**.* (p.22)
- d) *Estava branco **como algodão**, de corpo mole.* (p. 22)
- e) *Era duro demais, era **como um cordeiro** cheio de espinhos.* (p. 24)

3.2.6 Uso de elementos da cultura popular

3.2.6.1 Cantigas Populares

O personagem Zé Passarinho, que tinha este nome por viver cantando, cantava toadas e romances da literatura popular oral e do romanceiro tradicional, como por exemplo:

*a) Quem matou meu passarinho
É judeu, não é cristão
Meu passarinho tão manso
Que comia em minha mão*

*Quando eu vim da minha terra
Muita gente me chorou
E a danada de uma velha
Muita praga me rogou*

/-/-/-

*“Ô lá lá vira a moenda
Ô lê lê moenda virou
Quem não tem uma camisa,
Pra que quer um palitô?
O caixeiro bebe na venda,
O patrão no varadô,
Eu estava em Itabaiana
Quando a boiada passou,
ô lê lê vira a moenda
O lê lê moenda virou”*

-/-/-/-

*b) Filho que faz isto ao pai
Bem merece ser queimado
Por sete carros de lenha
E por mim bem atiçados.*

*Filho que faz isto ao pai
Bem merece ser degolado,
Por sete folhas de navalhas
E por mim bem afiadas.*

*Tende não, minha justiça
Minha justiça real;*

*Esta princesa que vedes
Meus palácios vai gozar".*

3.2.6.2 Provérbios e Frases Feitas

Outra das formas utilizadas por José Lins, em Fogo Morto, são os provérbios e frases feitas que são do conhecimento popular e passam de pais para filhos em todo o nordeste.

- a) **Osso duro de roer** - *É duro de roer, mas gosto daquele homem.* (p. 5)
- b) **Cavalo velho, capim novo** - *Quero lá saber de cuidado de mulher velha! Cavalo velho, capim novo, comadre Sinhá.* (p.21)
- c) **Estar em petição de miséria** - *Os arreios do cabriolé estavam em petição de miséria, tudo podre, levado do diabo.* (p. 27)
- d) **Valer pelo que é e não pelo que tem** - *Seu Laurentino - foi ele dizendo - ,um homem vale pelo que é e não pelo que tem.* (p. 18)
- e) **Quer chova quer faça sol** - *Não tem jeito não! É aquilo mesmo, quer chova quer faça sol.* (p. 32)

3.3 Linguagem Erudita de Personagens Populares

Em "Fogo Morto" José Lins mesmo com personagens das classes populares e de nível cultural mais baixo usa sempre formas e estruturas da linguagem erudita.

- a) *Está de passagem, seu Laurentino?* (p. 15)
- b) *Vai trabalhar para o velho José Paulino.* (p. 15)
- c) *Pai, o almoço está na mesa.* (p. 16)
- d) *Sou pobre, seu Laurentino, mas não faço vergonha aos pobres.* (p. 17)
- e) *Mestre Zé está zangado, eu vou saindo.* (p. 21)

f) *Que foste fazer a estas horas Zeca?* (p. 35)

CONCLUSÃO

O estudo e análise das obras de ficção de José Lins do Rego oferecem possibilidades as mais variadas, fato comprovado pelas centenas de trabalhos publicados sobre sua obra, em vários níveis, abordando novos e diferentes aspectos, desde artigos e ensaios até teses de doutorado.

Porém, queremos concordar com Otto Maria Carpeaux quando diz:

*Os fatos, contam-se, os problemas, interpretam-se, José Lins do Rego, porém, é um conteur nato. Contar histórias é a sua profissão ... e mais adiante: José Lins do Rego é o último dos contadores profissionais de histórias, com ele, a espécie extingui-se-á. É como um narrador de contos de fadas.*⁷

BIBLIOGRAFIA

ABDALA JÚNIOR, R. Os ritmos do tempo em torno do engenho. In: REGO, José Lins do. *Fogo morto*. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. *A linguagem regional/popular na obra de José Lins*. João Pessoa: FUNESC, 1990.

ARAGÃO, M. do Socorro Silva de et al. *Cartilha literária José Lins do Rego*. João Pessoa: FUNESC, 1990.

BATISTA, M. de Fátima B. de M. *A propósito da citação popular em Fogo Morto de José Lins do Rego*. João Pessoa: 2003. (mimeo.)

CÂNDIDO, Antonio. *Brigada ligeira*. São Paulo: Martins, 1945.

CARPEAUX, Otto Maria. O brasileiríssimo José Lins do Rego. In. REGO, José Lins do. *Fogo morto*. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

⁷ CARPEAUX, Oto. O brasileiríssimo José Lins do Rego. In : REGO, J.Lins do. *Fogo morto*. São Paulo : Círculo do Livro, 11984.

COUTINHO, Eduardo F. A relação arte/realidade em Fogo Morto. In: *Ensaio sobre José Lins do Rego*. João Pessoa: FUNESC, 1987.

PONTES, M. das Neves A. de. *A influência da língua falada em Menino de engenho, de José Lins do Rego*. João Pessoa: Academia Paraibana de Letras, 1992.

_____. *Linguagem regional/popular: uma visão léxico-semântica de Menino de engenho, de José Lins do Rego*. João Pessoa: CEFET/PB, 2002.

REGO, José Lins do. *Fogo morto*. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

_____. *Fogo morto*. Guias de leitura. Porto Alegre: Mercado Aberto, s/d.